

Capítulo I

A situação do mundo evangelical¹

*Humpty Dumpty sentou-se sobre um muro.
Humpty Dumpty despencou-se ao chão duro.
Cavalos e homens do rei e seus maços
Não conseguiram juntar seus pedaços.*

(Lewis Carroll, *Através do espelho*)

Não é preciso ter coragem para se apresentar como protestante. Afinal, milhões de pessoas, por todo o Ocidente, têm assumido essa posição. Certamente não vivem sob ameaça de nenhum perigo. Entretanto, manter a vida pautada pelas verdades do protestantismo histórico é uma questão totalmente diferente. É preciso ter coragem para ser protestante no atual contexto.

Esse é o argumento que defendo neste livro. Mantenho em mente não apenas a cultura pós-moderna, mas também o *evangelicalismo* contemporâneo. As verdades do protestantismo histórico, muitas vezes, não são mais bem recebidas no evangelicalismo do que na cultura de fora do meio cristão.

Esse é um ponto bem marcante. Afinal, o movimento evangelical emergente após a 2ª Guerra Mundial parece contar uma história de sucesso. O que teria acontecido?

Os evangélicos – é bom lembrar – iniciaram, por volta desse período, com praticamente nada. Eram poucos em termos de números, mal vistos no mundo acadêmico, ridicularizados em todos os lugares em que atitudes

¹ Ainda que o termo seja correto, não é muito usado em nossa conversação comum. Evangelical é aquilo que é concernente ou próprio dos evangelhos. É usado, aqui, para se referir a um movimento pós-evangélico, também chamado de evangelicalismo. (N. do T.)

iluministas estivessem acomodadas na cultura e banidos de todos os centros de poder da sociedade americana. Em poucos anos, no entanto, tudo isso começou a mudar. Suas igrejas cresceram e multiplicaram-se: erigiram instituições, fundaram organizações, adentraram a vida acadêmica, tornaram-se componente político respeitado. Estenderam as mãos aos necessitados de muitas e impressionantes maneiras. De fato, foram tão bem-sucedidos que lhes foi assegurado um tipo de constrangida aceitação cultural na América, diferente do que ocorreu na Europa.

Ainda assim, no momento em que parecia ter chegado ao ápice, o movimento evangélico começou a decair. Agora, ele se apresenta em três formas bem distintas. Dado que a própria história designa suas linhas fronteiriças, apenas descreverei brevemente as três formas, antes de começar a tratar da substância do livro. Nos capítulos posteriores, retornarei, diversas vezes, a esses temas.

O mapa

Permita-me iniciar, traçando um *mapa* do que estava acontecendo.

O mundo evangelical está, agora, dividido em três partes constituintes bem distintas. Na verdade, ele apresenta inumeráveis subdivisões, por causa da fragmentação que esse surpreendente império deixa ver ao longo das fronteiras. Assim, meu mapa, com apenas três constituintes principais, figura a terra vista de longe, não de perto. O ponto importante, aqui, no entanto, é que duas dessas partes são novas e, como grandes *icebergs*, estão se separando da outra. São marcos limítrofes distantes da ortodoxia clássica dos primeiros evangélicos e, conquanto sem querer, seguem na direção de um cristianismo mais liberal. A seu tempo, eu creio, os filhos de tais evangelicalistas tornar-se-ão totalmente liberais, tais como aqueles contra os quais seus avós originalmente protestaram.

Doutrina

Aquilo que hoje divide o mundo evangélico não é o mesmo que costumava ser. As antigas divisões eram doutrinárias. As diferenças doutrinárias é que colocavam batistas contra pedobatistas, premilenistas contra amilenistas, congregacionais contra presbiterianos, arminianos contra calvinistas, defensores da ordenação de mulheres contra defensores do ofício masculino, e promotores da glossolalia contra censacionistas. As questões ainda estão vivas e ainda espicaçam paixões. Eu mesmo tenho posição firmada em cada uma delas e creio que sejam temas importantes, uma vez que cada uma é a tentativa de concordar com o ensino da Palavra de Deus.

O que há de diferente é que essas não parecem ser mais as diferenciações levadas em conta. O mapa antigo foi traçado considerando as diferenças de

relevo *doutrinário*. Em tudo que é dito e feito hoje, a maioria dos evangélicos permanece indiferente à doutrina – certamente são indiferentes quando “fazem” igreja. Em privado, sem dúvida, acham que as doutrinas existem para serem cridas. Mas na igreja... bem, a coisa é diferente porque, como muitos pensam, a doutrina é um impedimento quando se trata de alcançar novas gerações. Tais antigos debates, portanto, impedem-nos o acesso àquilo que forma muitas igrejas evangélicas contemporâneas. O mapa precisa ser refeito. O que agora está reorganizando o território evangélico?

Cultura

Nas últimas duas ou três décadas, os evangélicos descobriram a cultura. Isso talvez soe mais elogioso do que pretendo. Até mesmo eu acolho bem uma séria discussão sobre cultura. Mas creio que deveríamos explorar o que está aí e como funciona, em vez de apenas consultar as pesquisas de opinião para saber o que está na onda do dia. Certamente, um engajamento sério com a cultura não é exatamente o que muitos evangelicalistas estão buscando.

O que eles querem saber sobre a cultura é simples e fácil de entender. Querem apenas saber as tendências e modas que estão na crista da onda da vida contemporânea. Não têm interesse nenhum naquilo que subjaz as tendências, nem em como nossa cultura ocidental modernizada modela os horizontes pessoais, gera apetites e provê caminhos para processar o sentido da vida. Tudo isso parece matéria tão complexa quanto inútil. Pragmáticos até a última gota de sangue, tais evangelicalistas estão agora em águas culturais, não para entender o que vai nela, mas para acompanhar o balanço. Apanham suas pranchas de *surf* e tentam pegar qualquer marola que role para a praia. A busca do sucesso, disfarçada pela palavra “relevância”, é o marco que divide o mundo nesses três segmentos.

Repetidamente, a questão levantada, como resultado, é se os evangelicalistas construirão suas igrejas *sola Scriptura* ou *sola cultura*, conforme *Os Guinness* formulou em *Prophetic Untimeliness*. Na verdade, para ser bem honesto, a questão é levantada somente por algumas pessoas à margem da corrente evangelicalista e em muitas dessas igrejas a questão sequer tem sentido. Soa como um espectador tentando entender por que o jogador de futebol sacode as cadeiras e balança os braços depois de marcar o gol.

Não obstante, é a questão que *deveria* ser levantada de novo e sempre, não importando que faça pouco sentido. Que autoridade unificadora está sobre a igreja? O que determina o que ela pensa, o que ela quer e como é orientada em seus negócios. Será a Escritura somente entendida da maneira como Deus a proferiu, ou será a cultura? Será aquilo que é corrente, *de ponta* e na moda? Ou será a Palavra de Deus, sempre atual porque sua verdade dura para sempre?

Certamente sei que a questão não se apresenta dessa maneira. Os evangelicalistas que vivem *sola cultura* alegam que estão vivendo *sola Scriptura*. Por isso é tão importante que sejamos hábeis ao deslindar as questões e considerá-las tais como realmente são. Tentarei fazer isso à medida que o livro progride.

Agora, entretanto, devo ser mais específico quanto às três divisões constituintes. Teremos de ver como o evangelicalismo antigo, clássico, transformou-se primeiro num segmento de marqueteiros e depois num segmento de emergentes. Os marqueteiros configuram meu segundo movimento constituinte e os emergentes, o terceiro.

Evangelicalistas clássicos

O começo

O primeiro movimento, então, é o evangelicalismo clássico. Seus contornos começaram a tomar forma depois da 2ª Guerra Mundial, tanto na Europa quanto na América. Sua característica mais destacada era, e é ainda hoje, a seriedade doutrinária. De fato, suas igrejas refletem tal preocupação, em vez de tentar escondê-la como fazem os marqueteiros, esse tipo de seriedade podia ser ouvido, domingo após domingo, nos sermões.

Na América, a preocupação com a doutrina foi uma das consequências das amargas disputas com o liberalismo, no começo do século 20. Os liberais diziam que a questão era doutrinária; que o cristianismo seria matéria de obras, não de credos; de vida, não de doutrina. Os oponentes conservadores, os fundamentalistas, insistiam em que o cristianismo implicaria tanto em credos quanto em obras. Seria sobre doutrina e vida. Acabaram definindo sua distinção em relação ao liberalismo, acertadamente, em termos de credos e doutrinas.

É verdade e claro também que tais fundamentalistas vieram a pensar da mesma maneira que muitas minorias conscientes. Sentindo-se ameaçados, tentaram se proteger, muitas vezes levantando muros de separação, quase saindo do mundo das outras pessoas. Certamente não foi uma boa medida defensiva.

Com o tempo, no entanto, o fundamentalismo, com toda sua atitude oposicionista, todos os cismas que entreteve e a isolamento intelectual a que se entregou, começou a definhando-se. Seu substituto, nos anos 50 e 60 do século passado, foi o *neoevangelicalismo* liderado por Harold Ockenga, Carl Henry e Billy Graham, nos Estados Unidos, e John Stott, J. I. Packer, Martin Lloyd-Jones e Francis Schaeffer, na Europa. Esses, e muitos iguais a eles, concordaram em construir um movimento com instituições, publicações e ministérios, com a intenção de conduzir alguns a um engajamento na vida

moderna para, depois, reentrar nas velhas denominações a fim de resgatá-las. Tal coalizão foi montada em torno de duas crenças teológicas básicas: a plena autoridade das Escrituras inspiradas e a necessidade e centralidade da substituição penal de Jesus Cristo.

Para eles, isso significava que a fé bíblica seria necessariamente doutrínaria em sua forma. O que representava de fato muito mais do que simplesmente afirmar a inspiração e a inerrância da Escritura. Nos primeiros dias do movimento, o compromisso primário gerou toda uma maneira de se pensar. Ser bíblico na expressão e no conteúdo era um ponto central. Daí surgiram igrejas que valorizavam a verdade bíblica e a vida cristã que se alimenta da Palavra de Deus. As publicações desses primeiros dias, os sermões reproduzidos e os livros escritos, tudo portava essa mensagem.

Como todos os movimentos, esse também teve seus símbolos. O mais proeminente deles foi a National Association of Evangelicals (NAE), fundada em 1942, e a revista *Christianity Today*, cuja publicação foi iniciada em 1956. Seus propósitos eram organizar e dar voz à nova vida evangélica, respectivamente. A associação seria uma alternativa ao National Council of Churches (NCC) e a revista, uma alternativa ao periódico liberal *Christian Century*.

É irônico ver os rumos que essas duas revistas tomaram. *Christian Century*, desde então, tem conservado sua integridade intelectual a despeito dos desvios da sua constituição liberal. Ela tem se debilitado nas duas últimas décadas, mas mantém intacta sua persuasão liberal. *Christianity Today*, em contraste, a despeito do aumento das fileiras de colaboradores evangélicos, tem sido bem menos perseverante. Seu papel, em um sentido, jamais foi fácil. Contudo, tem encontrado seu caminho, em anos recentes, não devido à convicção teológica, mas testando que tendências prevalecem.

Hoje, a NAE não passa de uma sombra do que já foi. Na verdade, até mesmo uma organização verdadeiramente viável, o que ela não é, teria dificuldade para representar o movimento evangelical de hoje.

Tal como ocorre em muitos empreendimentos, os movimentos cristãos, depois de algum tempo, tendem a perder a visão de seus líderes evangélicos originais. A força, a disciplina e a orientação que impuseram ao movimento, esvaem-se na primeira ou segunda geração seguinte. O evangelicalismo continua sustentando muitos que simplesmente vivem com o capital que outros geraram. As impressoras continuam a rodar, as faculdades cristãs continuam a graduar estudantes e *Christianity Today* continua a produzir artigos, mas o capital não tem sido suficientemente renovado. Aos poucos, mas inexoravelmente, esse grande movimento vai se dissipando.

Mesmo diante desse quadro, ainda há, no mundo evangélico, muita força, nobreza, autossacrifício e outras coisas recomendáveis. Contudo, seus símbolos mais visíveis não representam mais o melhor da vida evangélica, não falam mais em nome de todos os evangélicos e, talvez, levantem